

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL 2

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL 2

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial
2 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0379-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.791222906>

1. Ciências humanas. I. Willian Douglas Guilherme
(Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O e-book “As ciências humanas em uma abordagem multirreferencial 2” mantém a pegada da e-book anterior, trazendo estudos inovadores e que contribuem para o debate em diversas frentes de pesquisa.

Silva, Hoed e Saraiva apresentam uma análise, por meio dos dados oferecidos pelo Enade, do desempenho dos acadêmicos dos cursos de computação de diversas Universidades do país, buscando compreender quais são os fatores que interferem no processo de ensino destes alunos.

Silva, Araújo e Albiero mostram os resultados do Projeto de Extensão desenvolvido pela UFT, Campus de Miracema, que teve o intuito de formar agentes multiplicadores dos grêmios estudantis em escolas do ensino fundamental e médio por meio de encontros virtuais com debates voltados às atividades sociais, políticas e educativas destes alunos.

Silva, analisa Linn da Quebrada a partir das categorias de raça, corpo, gênero e sexualidade, de como a artista se posiciona e defende um “feminino não esperado” por meio de seu comportamento e letras musicais.

Com uma contribuição internacional, Rojas e Candila abrilhantam ainda mais este volume trazendo uma experiência diretamente da Universidade Tecnológica Metropolitana de Mérida, Yucatán, México, de um modelo universitário de empreendimento gastronômico que pode ser replicado nas Universidades que têm o curso de Gastronomia, vale a pena ler este artigo.

Sales e Nascimento reacendem a discussão em torno da filosofia clínica que se apresenta como “uma nova proposta de assistência terapêutica”. O texto traz um diálogo franco e emergente defendendo a filosofia clínica como ciência e apontando a necessidade de mais estudos na área.

Uma ótima leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO DESEMPENHO DOS ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES EM COMPUTAÇÃO NO ENADE – UMA ABORDAGEM USANDO MINERAÇÃO DE DADOS	
Alexsander Figueiredo Silva	
Raphael Magalhães Hoed	
Pedro Fábio Saraiva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7912229061	
CAPÍTULO 2	14
CAPACITANDO AGENTES MULTIPLICADORES DOS GRÊMIOS ESTUDANTIS DO ENSINO MÉDIO AO FUNDAMENTAL DE FORMA VIRTUAL	
Hélia Chaves Silva	
Gislene Ferreira da Silva Araujo	
Celia Maria Grandini Albiero	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7912229062	
CAPÍTULO 3	22
O CORPO POLÍTICO DE LINN DA QUEBRADA	
João Paulo da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7912229063	
CAPÍTULO 4	35
PERTINENCIA DE UN MODELO UNIVERSITARIO DE EMPRENDIMIENTO GASTRONÓMICO	
Natalia Citlali Cano Rojas	
Sue Jiménez Candila	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7912229064	
CAPÍTULO 5	52
FILOSOFIA CLÍNICA E EPISTEMOLOGIA: UMA REVISÃO EPISTEMOLÓGICA PARA UMA CLÍNICA EMERGENTE	
Tiago Medeiros Sales	
Rosemary Pedrosa do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7912229065	
SOBRE O ORGANIZADOR	63
ÍNDICE REMISSIVO	64

CAPÍTULO 3

O CORPO POLÍTICO DE LINN DA QUEBRADA

Data de aceite: 01/06/2022

Data de submissão: 28/03/2022

João Paulo da Silva

Universidade Federal do Piauí

Teresina – Piauí

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=34A739D5E5D9ACB44B4C4F4C2FE779FC.buscatextual_6

RESUMO: O artigo em comento trabalhará as categorias raça, corpo, gênero e sexualidade a partir da análise do ser político da rapper e performer Linn da Quebrada, por intermédio da análise documental de entrevistas da artista associadas a trechos de suas canções. Linn é produto musical brasileiro que adentra o cenário do funk e do rapper com canções e performances que subvertem o padrão universal de comportamento social dominante no que confere ao que se espera em ser homem e ser mulher, vez que em suas letras pensa o feminino em corpos outros (corpos trans, não siliconados, afeminados, enfiados etc). Trata-se de estudo de natureza qualitativa, com análise documental exploratória e descritiva junto a pesquisa bibliográfica. Como resultado, constatou-se que a pluralidade da artista advém como instrumento político de defesa de um feminino não esperado pela maioria dos indivíduos, dando vazão por sua voz a lutas encampadas por movimentos

de mulheres e pela comunidade TLGB¹. Judith Butler, Michael Foucault e Patricia Hill Collins são autores que complementam teoricamente o que Linn transmite em seu trabalho artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; corpos; Linn.

THE POLITIC BODY OF LINN DA QUEBRADA

ABSTRACT: The article in question will work with the categories race, body, gender and sexuality from the analysis of the political being of rapper and performer Linn da Quebrada. Linn is a Brazilian music product that enters the funk and rapper scene with songs and performances that subvert the universal alpha male standard. The heteronormativity is the target to be attacked by his voice, which in his lyrics thinks the feminine beyond being a biological woman. The “human” product for performer thinks of woman in abject bodies (Butler, 2019) and extols them in trans, unsiliconed, effeminate and sent bodies. Thus, through a qualitative, exploratory and descriptive research methodology, a documentary analysis will be undertaken, which will investigate how plural the artist is, in favor of using art as a political instrument for the defense of the feminine and the TLGB community. The study will seek the alterity in thinking the resistance of those to which Linn quotes and defends, associated with his voice and bibliographical concepts of authors who have gender, race and sexuality as objects of study such as: Judith Butler, Michael Foucault, Patricia Hill Collins, etc.

¹ A alteração da sigla LGBT para TLGB no texto parte de uma política de enaltecimento dos corpos travestis, transexuais e transgêneros, sendo reiterado a terminologia por artistas pertencentes ao T da sigla, com o intuito de ampliar a visibilidade a elas nos diálogos efetivados em prol da comunidade.

KEYWORDS: Gender; bodies; Linn.

1 | INTRODUÇÃO OU “ELA É TÃO SINGULAR, SÓ SE CONTENTA COM PLURAIS”

“Entre ser homem ou ser mulher, eu quero ser eu”. Linn da Quebrada, com essas palavras, finaliza entrevista para o canal do Youtube da revista Trip, quando questionada sobre qual sua definição entre os gêneros masculino e feminino. A citação da rapper questiona padrões normativos de gênero e sexualidade e sugere reflexões sobre o espelho, performance e produção audiovisual que a contemple em seu processo de: “existência, resistência, ocupação e invasão” (QUEBRADA, 2016). Ao não se enquadrar no binarismo de gênero, Linn, em curtos minutos no vídeo, permite-se a libertação de uma ideia pré-estabelecida entre o que é ser homem e ser mulher, pois visa ir além em discussões políticas produzidas pelo seu corpo e sua voz.

Neste sentido faz-se plural o comento estudo, que visa através do viés artístico performático de Linn da Quebrada analisar e questionar o porquê de apenas a alguns corpos serem destinados os “louros” da singularidade, em meio a pluralidade de formas de ser e de pensar e, por palavras dela: “formas outras, também, de se relacionar, e de comer, de dar, de fuder, de trepar” (QUEBRADA, 2016). Assim, objetiva o trabalho refletir sobre as categorias teóricas gênero, corpo, sexualidade e raça, a partir de autores pós-estruturalistas que transitam em estudos sobre gênero e sexualidade.

Na consecução dos fins propostos haverá uso de metodologia que empreenderá análise de discurso por registros audiovisuais, aos quais a voz de Linn contemplem questionamentos que pensem os seres humanos em formas outras de existir, para além dos critérios biológicos e sociais dominantes, que, a todo instante, tenta enquadrar formas e padrões de comportamentos tidos predeterminados e esperados por homens e mulheres.

Ainda sobre quem é Linn da Quebrada, citemos que a artista ocupa o cenário da música brasileira junto a outros corpos que buscam afrontar a heteronormatividade em suas performances e músicas. Tal movimento musical é denominado MPTrans². A mesma pensa a sua existência enquanto forma de resistência na luta pelo direito de viver – seja enquanto pessoa e artista – pois manifesta seus inconformismos em voz que evoca o feminino, a travestilidade, a vangloriação dos corpos afeminados e a subjugação do macho alfa a posição de inferioridade, vez que plural as formas de ser, que em muito se afastam daquilo considerado universal.

Quando Bevoair (1980) refletiu sobre o ser mulher mediante uma ótica masculina de ver a mulher, categorias como raça, identidade de gênero, sexualidade não foram

² Mptrans refere-se a uma terminologia utilizada por artistas brasileiras que produzem músicas e se identificam com formas outras de gênero, que não se enquadram nos padrões normativos e regulatórios de gênero dominantes. Exemplos de artistas que compõem o Mptrans são: Majur, Raquel Virginia e Assussena Assussena (as Bahias e a Cozinha Mineira), Liniker e Jup do Bairro.

pautadas na construção do eu feminino. Como é ser mulher para uma trans? Uma travesti preta? Um corpo travesti? Igual questionamento se faz pertinente pelas forasteiras de dentro, que por Collins (2019) pensava mulheres pretas enquanto outros dos outros, pois a elas se esperavam existir fora de seus lugares nas pautas feministas e raciais. Assim partimos: onde cabe a preta favelada travesti? Cabe a Linn dialogar sobre todas, ainda que este corpo travesti não pense apenas sobre ela e suas companheiras, mas se refira a uma mulher, a um ser mulher que está sempre na categoria inferior quando comparada a ser um homem, ainda que tais concepções estejam impregnadas nos corpos masculinos e femininos que pertencem a comunidade TLGB.

Interessante perceber como as falas de Linn partem do pressuposto que a interseccionalidade³ deve ser requisito para inclusão de outras, outras estas advindas de corpos produzidos pela transversalidade de opressões estruturais. Em tempos em que há uma amplitude de conceitos a serem esvaziados em suas reais definições e aplicações – empoderamento e lugar de fala são exemplos - em nome de uma política que, por vezes, limita discussões estas a redutos acadêmicos, faz-se importante reconhecer que visões de existência como a de Linn são, por demais úteis, para perpassar o campo acadêmico e ter um raio de alcance maior na sociedade, sobretudo, por associar-se a uma expressão artística.

Somos frutos de desconstruções sociais constantes, ainda que encaixados em grupos majoritariamente excluídos, como são aqueles que pertencem a comunidade TLGB. Pela vastidão de conteúdo produzido pela artista⁴, limitaremos a análise do presente artigo a trechos de entrevistas concedida por Linn ao canal do Youtube Trip Tv e Nexo Jornalismo e alguns trechos de composições musicais de sua autoria. Tais materiais casarão com os estudos produzidos pelos teóricos que discutem gênero, sexualidade, raça e performatividade dos corpos, aos quais citemos: bell hooks, Foucault, Butler e Collins.

2 | “EU NÃO SOU UM TEMA. EU NÃO VOU SER ESGOTADA”

Foucault (2014) trabalha a concepção do humano enquanto ser biopsicossocial, onde as diferenças entre o ser masculino e feminino não são justificadas somente por critérios da natureza humana. Ao contrário, associada a ideia de poder nas relações humanas,

3 Interseccionalidade é um termo cunhado pela professora norte-americana Kimberlé Crenshaw enquanto conceito da teoria crítica da raça. Consoante Akotirene (2019, p. 18) “a interseccionalidade foi pensada pelas feministas negras pela inobservância das reivindicações destas tanto pelo feminismo branco quanto pela luta antirracista”. No estudo presente será utilizada pensando em opressões que recaem sobre corpos outros, que como o de Linn, ainda agregam questões de gênero a condição de existência de não binarismo ou de inconformismo a respeito da condição ser mulher.

4 A discografia de Linn da Quebrada apresenta o álbum Pajubá (2017), ao qual deriva de financiamento coletivo, onde todas suas canções partem de um viés político, ao tempo em que propõe discussões sobre ser mulher em padrões outros de gênero, homicídio do povo negro nas periferias, controle de corpos e expressão de desejo e sexualidade múltiplas, ao qual ao feminino impõe se superioridade diante do posto pela sociedade enquanto hetero dominante. A carreira da artista se soma atuação em filmes como Corpo Elétrico (2017) e Meu Corpo é Político (2017), séries de Tv, além de um documentário sobre sua vida e cotidiano, premiado em Berlim com o Urso de Ouro, título máximo do festival: Bixa Travesty (2018). Em sua trajetória consta ainda: turnê europeia anual, ao qual contemplam performances e participação de outras pessoas que não se classificam pelos padrões regulatórios dominantes de gênero e sexualidade.

pensa o autor que a produção de diferenças parte da ideia de se diferenciar humanos por critérios que vão além do biológico, vez que mantêm estruturas de poder seculares. A beber de tais fontes, Scott (1995) trabalha a dualidade do gênero masculino e feminino enquanto produção de sentidos e símbolos diversos, por meio da percepção das diferenças biológicas, ao concluir que, dentro da relação saber/poder “o gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizadas dentro de uma maneira de pensar engessada e dual” (SCOTT, 1995, p. 78).

Durante entrevista concedida ao canal Nexa Jornalismo, Linn reflete sobre seu espaço de não lugar dentro do espaço da música brasileira. A mesma fala que: “a arte como toda, eu sinto, nunca foi um espaço receptivo a mim, assim como nenhum outro espaço é receptível a corpos estranhos, corpos estranhos como o meu” (QUEBRADA, 2018). Por intermédio da fala da cantora, percebe-se a reflexão de como para corpos como o de Linn não se espera que aja construções de carreiras nas artes, a exemplo de sua atuação enquanto atriz e cantora dentre os principais holofotes da mídia brasileira.

Contemplativo o conceito de corpos abjetos desenvolvido por Butler (2019) para se refletir a respeito de qual lugar ocupa corpos como o de Linn, ainda que se fale de um espaço mais condizente a integrantes da comunidade TLGB pertencerem. Deveras, pertinente a reflexão de quantos artistas TLGB estão ou estiveram presentes na trajetória musical brasileira e foram agraciados pela mídia padrão (emissoras de TV, rádios etc), e quantos artistas “abjetas” conseguiram furar a bolha e ocuparem este espaço de não lugar. A fala de Linn leva a reflexão de onde estão as ‘abjetas’, no que se refere a espaços sociais, ao questionar a entrevistadora sobre: “quantas travestis você beijou no último mês? Você deu um beijo no rosto? Com quantas travestis você conversa, troca ideia? Quantas travestis fazem parte da sua família, do seu trabalho? Porque?” (QUEBRADA, 2016).

Ainda dentro do contexto da entrevista, a cantora reflete sobre como não é privilégio do funk ser um espaço machista e opressor, vez que parte da ideia de que a arte como um todo, ainda que seja segmento que possua uma quantidade significativa de pessoas TLGBs, também, é composto de uma estrutura social que é fundamentada por pilares machistas, racistas e sexistas. Neste sentido, a cantora reflete sobre a reflexividade que deve ser feita por ela enquanto pertencente a um grupo social, que mesmo rompendo a bolha estrutural da marginalidade, não deve se limitar a ser uma artista de gênero. A sociedade espera que a travesti esteja na rua, e, pensemos, Linn está na música, nas telas de cinemas, na televisão. No entanto, a mesma diz: “acho uma crueldade me limitarem a uma coisa só, eu não sou um tema. Eu não vou ser esgotada” (QUEBRADA, 2018).

Por haver inter cruzamento de várias opressões Linn e as poucas travestis que ganharam luz nas artes sempre estão a negociarem suas humanidades. Hooks (2019) trabalha a concepção de que pessoas que pertencem a grupos minoritários constantemente são desmerecidas, deslegitimadas, questionadas, se estiverem a ocupar um espaço de poder, ao que Mbembe (2018), ao falar sobre subalternidade e modernidade, dá o nome de

negociação de humanidade. O reforço de Linn sobre não ser apenas funkeira, ou cantora, ou mesmo a sua não definição de gênero, parte do princípio de se legitimar enquanto humana.

Ainda sobre a entrevista concedida ao canal Nexo Jornalismo intitulada: Linn da Quebrada, música e os corpos políticos, Linn corrobora com o adiante explanado ao referir-se que sua classificação enquanto cantora integrante da MPTRANS parte do pressuposto de mantê-la, ainda que inserida no âmbito da música, como artista taxativa de somente um segmento do gênero. Sua fala corrobora tal reflexão como segue:

Mas acho que é importante dar nome a esse movimento: mpbichas, mptrans. É interessante que a gente se enxergue enquanto grupo. Mas acho, ao mesmo tempo, que este movimento de dar nome a nós é sempre um movimento de exceção. Porque ninguém dá nomes ao grupo heteronormativo. Ninguém fala a cena heteronormativa, o grupo heteronormativo e a cena LGBT, o elenco branco de atores e o elenco negro. O branco, o normativo, o padrão, nunca é denominado, ele continua sendo universal, o todo poderoso, e acho que a gente tem que abrir mais os nossos olhos, também, os nossos ouvidos, para perceber as pessoas e artistas que estão próximo a nós, e que nós, não necessariamente valorizamos e legitimamos enquanto arte, até que nos diga que aquilo é arte. A gente não tá só falando e só produzindo, não é necessariamente, música e arte LGBT. Ainda que eu cantasse ou que fizesse outra coisa, eu ainda seria esse corpo, eu ainda seria essa bicha travesti, cantando qualquer outra coisa, produzindo qualquer outra coisa. Mas acho que nos delimitar e nos colocar como um tema a ser esgotado é muita crueldade, também, porque, eu não sou um tema, eu não vou ser esgotada. Eu estou produzindo sobre minhas inquietações, que são inclusive, muito maiores do que eu (QUEBRADA, 2018)

Adiante, a cantora afirma que o processo reflexivo de se pensar enquanto pertencente a arte, ao que Linn chama de ativismo, parte da concepção de se problematizar para encontrar solução. O ativismo contemporâneo praticado através da arte é o que Colling, Sousa e Sena (2017, p. 200-201) denominam de ativismo, “expressão política que problematiza, através das artes, as mais diversas questões sem o corrimão das identidades fixas e que privilegia a experiência do corpo em trânsito”. Através do ativismo Linn fala por si, por suas iguais e por muitas outras que se encontram às margens da estrutura. A ela, corpos marginais importam, merecem viver, amar e serem felizes.

3 | BIXA TRAVESTI E OS CORPOS POLÍTICOS⁵

Ao ser questionada sobre o processo de criação do seu documentário: bixa travesti, vencedor do urso de ouro em Berlim (2017), Linn fala sobre sua participação ativa no processo de se pensar, de pensar sobre seu corpo e sua existência. A mesma reflete sobre corpos políticos ao dizer que:

“Quando eu digo da importância do documentário, eu digo da importância

⁵ A grafia bixa com “x” é proposital para se pensar o uso do x na linguagem.

que o documentário teve pra mim, da minha própria investigação de mim mesma. De pensar e do ato de nomear quem eu sou. Quem é esse corpo, né. De pensar o feminino e o masculino nesse corpo. De pensar que eu sou pouco mulher. Que eu não chego nem ao patamar de mulher e nem ao patamar de homem. Eu sou a falha, né. Eu sou a falha deste sistema. É quase como se eu fosse, realmente, o que não deu certo. E me apropriar dessa falha. Me assumir essa falha, para então, dar um nome a esse processo, que é então: bicha travesti. E nisso, foi um processo de descoberta pra mim, um processo de, arqueológico, mesmo, sabe, de perceber o que é uma bicha travesti. Quem ama uma bicha travesti. O que come uma bicha travesti. Quem come uma bicha travesti. Quem vive. Com quem se relaciona. Onde trabalha. Quem são suas parceiras. Eu acho que o filme vem desse processo e esse processo é muito importante pra mim” (QUEBRADA, 2018)

A maneira como Linn expressa o se pensar enquanto corpo facilmente intersecciona-se com a forma como Connel (2015) trabalha a superioridade do masculino perante o feminino, para além de uma ordem normativa de universos masculinos e femininos. A autora reconhece o poder da construção social do masculino dentro de todo o campo social, ainda que tais interações advenham de relações sociais ao espectro do universo TLGB. Quando Linn questiona sobre ser uma falha no sistema produz o imperativo de estar no limbo dentre as opressões decorrentes do estereótipo masculino e do estereótipo feminino. Seu nível de performatividade não alcança nem o patamar de homem e nem o de mulher, fator que prepondera para sua invisibilidade perante o cenário TLGB, pois, enquanto drags queens e cantoraspop norte americanas e brasileiras servem ao delírio dos TLGBs, Linn, também, quanto ao público da sigla, permanece a margem, por atacar um molde de masculinidade universal e, sobretudo, fortemente presente neste meio.

Entre o que Connel e Linn dizem em suas potências é que ao feminino reserva-se a submissão a um padrão regulatório de normatividade masculina, o que justifica a expectativa média⁶ de vida de uma travesti no Brasil ser de 35 anos de idade. Quando se mata uma travesti, uma transsexual, muito além de uma vida, se mata o feminino que existe nelas. Tais mortes fazem parte de um sistema de ódio construído para assassinar alguns, ao que Mbembe (2018) denomina como necropolítica. Soma-se a matança, as omissões estatais no que confere à visibilidade à população TLGB e a não concessão de cidadania e dignidade humana a tais corpos transviados. O Estado que não pensa nestes corpos enquanto vidas é responsável pela marginalidade e mortes dos mesmos.

Linn fala sobre corpos políticos por meio da ação, mas reitera o conceito de corpo político por omissão. “Se você nada faz para reverter a heteronormatividade no sistema você está aonde: amolando ou enfiado facas nestes corpos?” (QUEBRADA, 2018). Sua fala é extensível ao conceito principal de marginalidade desenvolvido por Butler a respeito dos corpos queer e das alianças políticas integradas e esquematizadas para manter tais corpos à margem do sistema. Concordamos com Butler (2017, p. 44), para quem “se uma

6 <https://observatorio3setor.org.br/noticias/expectativa-de-vida-de-transsexuais-e-travestis-no-brasil-e-de-35-anos/>, acesso em 23/08/2020.

vida não é tratada como se sua perda fosse terrível, então sua perda já está incorporada na noção de vida. É por isso que uma vida tem de ser considerada primeiramente como digna de luto para ser tratada como vida”.

Linn, mesmo na sua não demarcação de gênero, se marca em sua raça enquanto negra, e classe enquanto periférica⁷. Sua voz tem forte base ideológica feminista negra. Hooks (2015) sugere que o feminismo seja pauta para todas ao trabalhar que as opressões estruturais que marcam mulheres negras não deve ser impeditivo para que reflexões partam de outros corpos e vozes. Linn, ainda que não se defina como “mulher”, se reconhece fora da estrutura da normatividade e insurge como voz entoante em nome de nós, elas, todas. Prova disto ocorre quando reflete sobre se pensar as estruturas sociais e nela agregar iguais semelhantes. Vejamos:

Mas acho que é muito importante que a gente saiba que temos que colocar as nossas na estrutura, né. Eu ainda vejo, eu sinto poucas de nós atuantes na estrutura, no que faz, no que constrói. A gente tá na frente das câmeras, a gente ainda serve de ... Se antes a gente antes era: abjeta, hoje, eu sinto que nós somos objeto, né. Eu acho que a gente tem que ocupar outros espaços dentro dessa estrutura, porque se a gente não, de uma certa forma, não mudar a estrutura, só muda os temas, em volta, a estrutura permanece a mesma. Então, eu tô investigando aí, pensando, como que nos colocamos as nossas dentro. Não apenas sob olhar, mas olhando, também, pensando juntos. (QUEBRADA, 2018)

Reconhece se na fala de Linn aquilo que Berth (2018) discute sobre o ato de empoderar-se a si e as demais, vez que critérios de raça, classe, orientação sexual etc, são fatores que potencializam opressões individuais. Desta maneira, dizer-se empoderada parte do pressuposto de que seus atos sociais pensam a elevação do feminino em uma perspectiva “totalizante”. Quando Linn fala em ocupar outros espaços dentro da estrutura, mudar o tema, ou mesmo quando reflete sobre como pensa em colocar outras na estrutura, não apenas sob o olhar, mas olhando, pensando, o sentido real de empoderamento se concretiza.

Portanto, faz-se essencial pensar a arte como útil ferramenta para o empoderamento e discussões de questões sociais atinentes a corpos excluídos da estrutura dominante. Em tempos de internet, a arte de Linn ganha visibilidade ao alcançar públicos que não apenas consomem o produzido pelo mercado comercial e televisivo imperativo. Seu corpo é político em palcos, telas e no território digital. Ainda que vozes como a dela sejam diminutas, há potência e pequenas revoluções junto aos coros performativos que comungam da ideia de romper com as barreiras estruturais que em muito massacram formas outras de vida.

4 | BIXA PRETA, TRÁ, TRÁ, TRÁ

“Baseado em carne viva e fatos reais é o sangue dos meus que correm pelas

⁷ Linn da Quebrada reside em Paraisópolis, periferia de São Paulo.

marginais e vocês fazem tão pouco, mas falam demais, fazem filhos iguais assim como seus pais” (QUEBRADA, 2017). Parte da letra da canção bomba pra caralho do disco Pajubá reforça sobre quanto a artista pensa em si dentro de uma estrutura interseccional, ao qual carrega em seu discurso a força de denunciar o que os seus passam enquanto comunidade, e nisso incluir não só corpos marcados pelo gênero, mas também pela raça, ao tempo em que apresenta um problema sofrido por si enquanto corpo não binário preto, mas também, sentido por todas as pessoas pelas que vivenciam a realidade de existirem nas periferias no Brasil.

O corpo periférico no Brasil é um corpo racializado. A racialização dos humanos e a produção de sentidos negativos aos corpos pretos insurge como ranço de um projeto colonial moderno que pautou a diferença do outro a partir da raça, elevando o sujeito branco europeu ao patamar de modelo ideal a ser alcançado. A não correspondência a esse ideal reserva-se o lugar de outro subalterno. Quijano (2009) explicita no trecho abaixo o contexto ao qual se inferioriza o outro a partir da raça retratado a base fundante da colonialidade do poder:

A 'naturalização' mitológica das categorias básicas da exploração/dominação é um instrumento de poder excepcionalmente poderoso. O exemplo mais conhecido é a produção do 'gênero' como se fosse idêntico a sexo. Muitos indivíduos pensam que acontece o mesmo com 'raça' em relação, sobretudo, à 'cor'. Mas esta é uma confusão radical. Apesar de tudo, o sexo é realmente um atributo biológico (implica processos biológicos) e algo tem a ver com 'gênero'. Mas a 'cor' é, literalmente, uma invenção eurocêntrica enquanto referência 'natural' ou biológica de 'raça', já que nada tem a ver com a biologia. E, ainda por cima, a 'cor' na sociedade colonial/moderna nem sempre foi o mais importante dos elementos de racialização efetiva e dos projetos de racialização, como no caso dos 'arianos' em relação aos outros 'brancos', incluindo os 'brancos judeus' e, mais recentemente, nos processos de 'racialização' das relações israelo-árabes. Estas são, se mais fosse necessário, eficientes demonstrações históricas do carácter estritamente mítico social da relação entre 'cor' e 'raça' (QUIJANO, 2009, p. 112-113).

Para além do estereótipo de raça e gênero presente no corpo de Linn, duplamente marcada por estruturas sociais pensadas para manter os padrões estruturantes que beneficiam alguns grupos em detrimento de outros, nas entrelinhas a artista faz questão de também se ver marcada pela classe ao ressignificar o conceito de ser periférica quando adota como nome artístico Linn da Quebrada. Ao se intitular da quebrada, Linn marca-se como um corpo não binário queer, preto e periférico, que enaltece o lugar de onde veio: da quebrada, da linda quebrada⁸.

Quando, ao início do primeiro parágrafo, Linn denuncia a realidade vivida pelas pessoas pretas periféricas, que dentre os inúmeros problemas sociais aos quais vivenciam em seus cotidianos decorrentes da ausência de proteção estatal ainda tem de lidar com a morte dos seus pela violência policial. Seu canto ecoa pelos seus semelhantes contra uma

⁸ Quebrada é uma gíria utilizada na língua portuguesa para denominar periferia.

violência estatal projetada ao extermínio das pessoas pretas e periféricas ao entoar que: “bomba pra caralho, bala de borracha, censura, fratura exposta, fatura da viatura, que não atura pobre, preta, revoltada, sem vergonha, sem justiça, tem medo de nós” (QUEBRADA, 2017).

Bixa preta, Linn fala sobre si enquanto falha de um sistema produzido para o massacre de corpos transviados, pretos e periféricos. Em sua intersecção enquanto corpo travesti assume sua falha em não ocupar o lugar esperado a elas: a prostituição, a vida nas ruas, a criminalidade. Enquanto produtora de conteúdo artístico sua expressão não se enquadra no que Moreira (2019) denomina enquanto racismo recreativo, construção histórica cultural que reproduz a inferiorização do corpo negro a partir do uso de artifícios do humor, escondendo o viés racista de utilizar do marcador identitário racial para estereotipar e universalizar a figura da pessoa preta.

O humor consiste em categoria cultural pensada por um grupo dominante que não reproduz o corpo negro trans a produção de conteúdo político. Em sua obra racismo recreativo, Moreira (2019) fala a respeito da personagem dos anos 90 (noventa), do humorístico a praça é nossa, Vera Verão, interpretada pelo ator Jorge Lafond, pessoa preta e pertencente a sigla TLGB, assim como Linn. A personagem assumia um papel de entretenimento reprodutora de uma figura hipersexualizada e agressiva, tornando-a referência de um padrão de comportamento que se esperava de corpos pretos travestis pela perspectiva social dominante. Sua representatividade era feita para entreter o outro a partir da diminuição de pessoas marcadas pelas identidades de raça, gênero e sexualidade, fator impeditivo de garantia de humanidade e individualidade aos indivíduos marcados por tais identidades ao seio social. Sobre representações raciais pelos meios de comunicação de massa traz o autor que:

Os estereótipos derogatórios sobre minorias raciais expressam então entendimentos sobre os lugares que os diversos grupos sociais devem ocupar, as supostas características dessas pessoas, os limites da participação delas na estrutura política, a valoração cultural que eles podem almejar e ainda as oportunidades materiais às quais podem ter acesso (Moreira, 2019, p.95).

Linn, na canção a lenda, produz conteúdo político ao narrar sua experiência como travesti moradora da favela e dialoga com o conceito de racismo recreativo desenvolvido pelo autor ao cantar que: “eu tô bonita, tá engraçada, eu não tô bonita, tá engraçada, me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada”(QUEBRADA, 2017), ao qual, denuncia por seus marcadores de gênero e raça o quanto, à visão do outro, o ser travesti reserva-se o status de inferioridade pelo humor.

Em composição intitulada bixa preta, Linn se propõe a legitimar seus marcadores identitários de gênero, sexualidade, raça, classe e territorialidade, apresentando se como indivíduo fora da estrutura heterodominante de entretenimento social. Sua voz denuncia anuncia ao ouvinte/leitor que não mais aceitará ser o motivo de risada. Vejamos:

Bicha estranha, louca, preta, da favela, quando ela tá passando todos riem da cara dela, mas, se liga macho, presta muita atenção, senta e observa a tua destruição. Que eu sou uma bicha, louca, preta, favelada e quando eu passar ninguém mais vai dar risada, fica, se tu for esperto, pode logo perceber, que eu já não tô pra brincadeira, eu vou botar é pra fuder(QUEBRADA, 2017).

Há um simbolismo empoderador na composição anteriormente citada, ao qual Linn inverte o papel de dominação social quando faz alusão ao patriarcado ordenando que o macho sente e observe a sua destruição, elevando todas as suas semelhantes à posição de humanas que não compactuarão com a ordem social diminutiva de as rotularem. Somado a isso, enaltece sua raça e exercício de sexualidade na luta em prol das suas ao afirmar que: “a minha pele preta é meu manto de coragem, impulsiona o movimento, envaidece a viadagem, vai desce, desce, desce, desce a viadagem” (QUEBRADA, 2017).

Linn quebra a barreira do racismo recreativo, que a projeta enquanto figura cômica aos olhos da sociedade, fruto da reprodução do padrão comportamental sexualizado e lascivo do seu corpo preto travesti e produz som que entoa movimento contrário ao se marcar enquanto bicha preta e favelada pronta para destruir a construção heteronormativa dominante, enaltecendo sua raça como seu substrato de força. Sua arte casa com a teoria de Bert (2017) que trabalha o empoderamento enquanto “caminho de reconstrução das bases sociopolíticas, que rompe concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que vistas ao longo da História” (BERT, 2017, p.19). Contra as opressões estruturais que massacram a si e as suas Linn (2017) propõe que sua arte seja sua ferramenta contra o discurso social hegemônico. Assim faz por sua voz. Assim canta: “bixa preta: trá, trá, trá, trá”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS OU “EU GOSTO MESMO É DAS BICHAS”

O corpo é político no seu existir. Linn entoa o coro dos descontentes e através de suas múltiplas facetas em arte, consegue expressar seus anseios por desconstrução de padrões e comportamentos que evoquem um eu masculino, universal e todo poderoso. Brinca, ela, com seu corpo ao palco, faz uso de linguagem ‘transviada’, adere a ideia de desqualificar o macho alfa onipotente. “Eu gosto mesmo é das bichas, das que são afeminadas, das que mostram muita pele, rebolam, saem maquiadas” (QUEBRADA, 2017).

Por querer ditar suas próprias regras, paga um preço caro, e indiretamente, congrega dos ideais de cantoras políticas, a exemplo de Nina Simone, que ao falar sobre suas músicas, tinha em mente que todo artista deveria refletir sobre seu tempo e que liberdade é não ter medo. Exemplo do preço que Linn paga por romper com uma visão de mundo heterocentrada ocorreu com o cancelamento do seu show na parada TLGB de João Pessoa, na Paraíba, ao ano de 2019, por conclusões da organização do evento que seria ela política demais em sua atuação performática para participar do encerramento da ocasião.

Percebe-se a dominação masculina a reinar em todas as estruturas sociais quando a decisão de cancelar um show de uma artista TLGB é pensada dentro de uma estrutura composta por integrantes da comunidade TLGB, que ao tempo em que supostamente avançam em conquistas, limitam tais avanços à corpos específicos. A situação dialoga com o que Connel (2015) traz sobre a estruturação dominante social que pauta a masculinidade heteronormativa como padrão de comportamento a ser repetido por grupos e comunidades fora da heterossexualidade. À comunidade gay masculina aproximar-se do padrão de comportamento heteronormativo é condição estrutural para melhor aceitação social. Eis o jargão popular: “pode até ser gay, mas não precisa se vestir de mulher”.

A atitude de excluir a participação da artista em um festival voltado para a comunidade TLGB só legitima a premissa de dominação masculina impositiva e dominante a regular os corpos e padrões de comportamento. A alienação de alguns componentes da comunidade TLGB quanto a inclusão de corpos outros favorece a compulsoriedade de classificação do outro pelo viés branco, macho e rico. Eis, por isso, a necessidade da artista de se pensar e pensar corpos queers que corram por fora da estrutura, para que estes ingressem e tragam outras. Linn, em seu todo, serve para incomodar os dominantes em nome e defesa daquelas que lutam para existir: “batam palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar e arrasar” (QUEBRADA, 2017)

Mais que política, Linn faz se necessária para romper a ordem do discurso heterofalocêntrico, violento e racista, vez que efetiva questionamentos sobre corpos queers, construção de identidades de gênero, além de defender os ritmos musicais periféricos enquanto instrumentos de retratação de realidades esquecidas, marginalizadas e invisibilizadas. Questionadora constante, problematiza não para buscar respostas, mas para fazer perguntas. Questiona o Deus todo poderoso, criado a imagem e semelhança do homem e como este é usado por religiões para promover exclusões sociais. Dissociada da igreja⁹ por colher da árvore do conhecimento do fruto proibido e se assumir um corpo travesti, precisamos de sua raiva para gritar por igualdade e justiça social. Que sua raiva reverbere e afete a todos, todas e todxs.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. 1ª edição. São Paulo: Pólen, 2019.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 4ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. 1ª edição. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas sobre uma teoria performativa de assembleia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

⁹ Linn da quebrada, aos 15 anos de idade, foi expulsa da igreja do Reino dos Testemunhos de Jeová, por ser preceito da religião a não permissão de participação de pessoas trans em seus cultos.

BUTLER, Judith. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes; SENA, Francisco Soares. *Enviadescer para produzir interseccionalidades*. In: OLIVEIRA, João Manuel; AMÂNCIO, Lúgia (Orgs.). *Gêneros e sexualidades: interseções e tangentes*. Lisboa: Maiadouro, 2017, p. 193-215.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. 1ª edição. São Paulo: Versos, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 28ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. 1ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2019.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. 1ª edição. São Paulo: Polén, 2019.

QUEBRADA, Linn da. *A lenda*. Álbum Pajubá 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>. Acesso em 20/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada*. Canal Nexo Jornal 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>. Acesso em 22/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *Bixa preta*. Álbum Pajubá 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Acesso em 20/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *Bomba para caralho*. Álbum Pajubá 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZYOlVMyZ_GU. Acesso em 20/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *Eu gosto mesmo é das bichas*. Canal Trip Tv 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A9KKFSyvlS4>. Acesso em 22/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *Enviadescer*. Álbum Pajubá 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>. Acesso em 20/08/2020.

QUEBRADA, Linn da. *Mulher*. Álbum Pajubá 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=saZywh0FuEY>. Acesso em 20/08/2020.

QUIJANO, ANIBAL. *Colonialidade do Poder e Classificação Social*. Epistemologias do Sul/ Org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. Coimbra (Portugal): Editora Almedina, 2009.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica*. 3ª edição. São Paulo: N – 1 Edições, 2018.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, Vol. 20 (2),p. 71-99 jul/dez. 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 25, 26, 28, 31, 57
Artista 22, 23, 24, 25, 26, 29, 31, 32
Associação 1, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 54

B

Brasil 2, 3, 4, 5, 12, 13, 21, 27, 29, 62

C

Ciência 4, 11, 12, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62
Científica 11, 13, 15, 16, 20, 21, 52, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61
Científico 20, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62
Clínica 52, 53, 54, 59, 60, 61, 62
Clínico 53, 54, 55, 59, 60
Computação 1, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 13
Corpo 4, 12, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 53
Cuatrimestre 37, 38, 41, 42, 43, 46
Cultura 35, 37, 38, 40, 41, 43, 46, 48, 50
Cursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 13, 15

D

Dados 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 54
Desarrollo 35, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50
Desempenho 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 13

E

Edição 21, 32, 33, 34
Educação 2, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 34, 63
Emprendedores 37, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51
Emprendimiento 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50
Enade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13
Encontros 14, 15, 16, 18, 19, 20
Ensino 1, 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21
Epistemologia 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 62
Escolas 14, 15, 16, 18, 20, 60

Estrutura 3, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 54, 55, 56, 58, 59, 61, 62
Estudantes 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19
Estudantes 35, 37, 38, 39, 40, 42, 46, 47, 48, 49, 50
Extensão 6, 8, 10, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 59

F

Feminino 22, 23, 24, 25, 27, 28
Filosofia 52, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 62
Filósofo 54, 55, 56, 59, 60
Formación 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 50, 51

G

Gastronomía 35, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50
Gênero 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34
Grêmios 14, 15, 16, 19, 20, 21

L

Licenciatura 35, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50

M

Mineração 1, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13
Miracema/TO 21
Modelo 4, 13, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 49, 50, 54, 56, 57
Mulher 22, 23, 24, 27, 28, 32, 33

N

Nota 4, 7, 8, 9, 10, 35

O

Organização 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 31

P

Paradigma 49, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 62
Participação 4, 6, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 26, 30, 32
Pesquisa 2, 3, 6, 7, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 22, 54, 57, 63
Programa 15, 18, 35, 37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51
Projeto 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 29
Projecto 35, 39, 42, 43, 47, 48

R

Regras 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 31

S

Serviço 14, 15, 18, 19, 20

Social 1, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 41, 50

T

Trabajo 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48

Travesti 24, 25, 26, 27, 30, 31, 32

U

Universidades 2, 4, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 48, 49

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

AS CIÊNCIAS HUMANAS EM UMA ABORDAGEM MULTIRREFERENCIAL 2

 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br